

MANOEL D'ALMEIDA FERREIRA

O LOUCO

266
P. 107

da ALDEIA



266

257

2169

MANOEL D'ALMEIDA FILHO



O LOUCO DA ALDEIA

Direitos adquiridos e registrados de acôrdo com a lei na
Bibliotéca Nacional



A. A. LOPES & SOUZA
RUA IPANEMA, 772 — FONE: 9-1374 — SÃO PAULO

MANOEL D'ALMEIDA FILHO

O LOUCO DA ALDEIA



Eu vou descrever um drama
Porque assim me compete
Chegou-me no pensamento
Pois a lembrança repete
Cujo drama eu assisti
No grande circo Takete.

Esse drama é conhecido
Pelo "Louco da Aldeia"
Onde um juiz traidor
Fez uma traição feia
E depois quiz defender-se
Do cubículo da cadeia.

Porém da justiça Eterna
Nenhum homem se esconde
E para esconder um crime
Procura e não acha aonde
Vá para onde quizer
Que pelo crime responde.

Portanto ao dito drama
Dar começo eu necessito:
— Habitava na Espanha
Doutor José Benedito
Viuvo, tinha uma filha
Igual um anjo bendito.

Então essa jovem foi
Batisada por Maria
Era bela e atraente
Como a estrela do dia
Parecia uma açucena
No jardim da poesia.

Maria já era noiva
De um nobre advogado
Moço muito inteligente
Em muitas linguas cursado
E por João de Azevedo
Foi o mesmo batisado.

Entre o moço e Maria
O amor selou a palma
Eram dois anjos unidos
Em um momento de calma
Duas almas em um corpo
E dois corpos numa alma.

Porém a felicidade
As vezes muda de plano
Foge ante a ambição
Mas nunca cai no engano
Porque depois ela volta
Prá castigar o tirano.

Então havia um juiz
Naquela mesma cidade
Chamado Julio Siqueira
A caixa da falsidade
Ambicioso e perverso
Cheio de orgulho e maldade.

Este citado juiz
Homem d'uns cinquenta anos
Vivia há muito nadando
Em um mar de desenganos
Mas vendo a jovem Maria
Concretizou novos planos.

Ele pensava consigo:
— Vou sair do "barricão"
E casar-me com Maria
Saciar minha paixão
Saboreando o perfume
De uma rosa em botão.

Assim dirigiu-se à moça
Porém perdeu a partida
Maria fez ver a êle
Que era comprometida
Com um moço por quem dava
Até sua própria vida.

O juiz quando ouviu
Uma resposta daquela
Com um plano traiçoeiro
Foi ao pai da donzela
Pedir para que o velho
"Virasse" a cabeça dela.

Porém o pai de Maria
Era um homem verdadeiro
Disse: Minha filha é noiva
De um nobre cavalheiro
E eu não vou seduzi-la
Que não sou alcoviteiro

Não obrigo minha filha
Perder uma quadra bela
De casar-se com um moço
Que faz parêlha com ela
Pra casar-se com um velho
Que pode ser avô dela.

O juiz naquela hora
Ficou cego de paixão
Agarrou o pobre velho
Já com um punhal na mão
Cravou-o no peito esquerdo
Traspassou-lhe o coração.

O velho caiu morrendo
Com a punhalada certa
O juiz fugiu deixando
Aquela sala deserta
Porém deixou o punhal
Cravado e a porta aberta.

A jovem Maria estava
Cuidando na sua lida
Depois entrando na sala
Conversando distraída
Deu com a vista no pai
Caído no chão sem vida.

Maria correu chorando
E vendo a arma fatal
Pegou e foi arrancando
Porém um policial
Que ia passando viu
Ela puchando o punhal.



Maria foi logo presa
E conduzida algemada
Como assassina do pai
Para depois de julgada
Pela lei do seu país
Ser numa praça enforcada.

Maria tinha um visinho
Chamado Pedro Raimundo
Homem honrado e honesto
Em respeito era profundo
Viuvo e só tinha um filho
Com o nome de Edmundo.

Então esse dito moço
Era ferreiro mecânico
Porém estava empregado
No território britânico
Por carta éle foi ciente
Daquele crime satânico.

Porque o velho Raimundo
Quando Maria foi presa
Apresentou-se ao juiz
Com toda delicadesa
Como a única testemunha
Para fazer a defesa.

Mandou dizer ao filho
Tudo como foi passado
Porém o moço sabendo
Ficou bem desconfiado
Porque havia um segredo
Que nunca foi revelado.

Porque o dito punhal
Que fez o crime ferino
Foi fabricado em segredo
Para o juiz assassino
Por Edmundo, o mecânico
Quando ainda era menino.

Depois o leitor verá
A culpa como condena
O segredo descobrir-se
E desenrolar-se a cena
O culpado no seu tempo
Passar pela dura pena...

Vamos encontrar Maria
Em uma sala chorando
Já era o primeiro juri
O promotor acusando
E João, o noivo da jovem
De um lado advogando.

Foi lido o depoimento
Daquele policial
Que prendeu a criminosa
Naquela hora fatal
Que do peito de seu pai
Ela arrancou o punhal.

Disse o soldado: Eu passando
Na rua da Conceição
Fui vendo uma porta aberta
E um volume no chão
Maria por cima como
Quem fazia uma agressão.

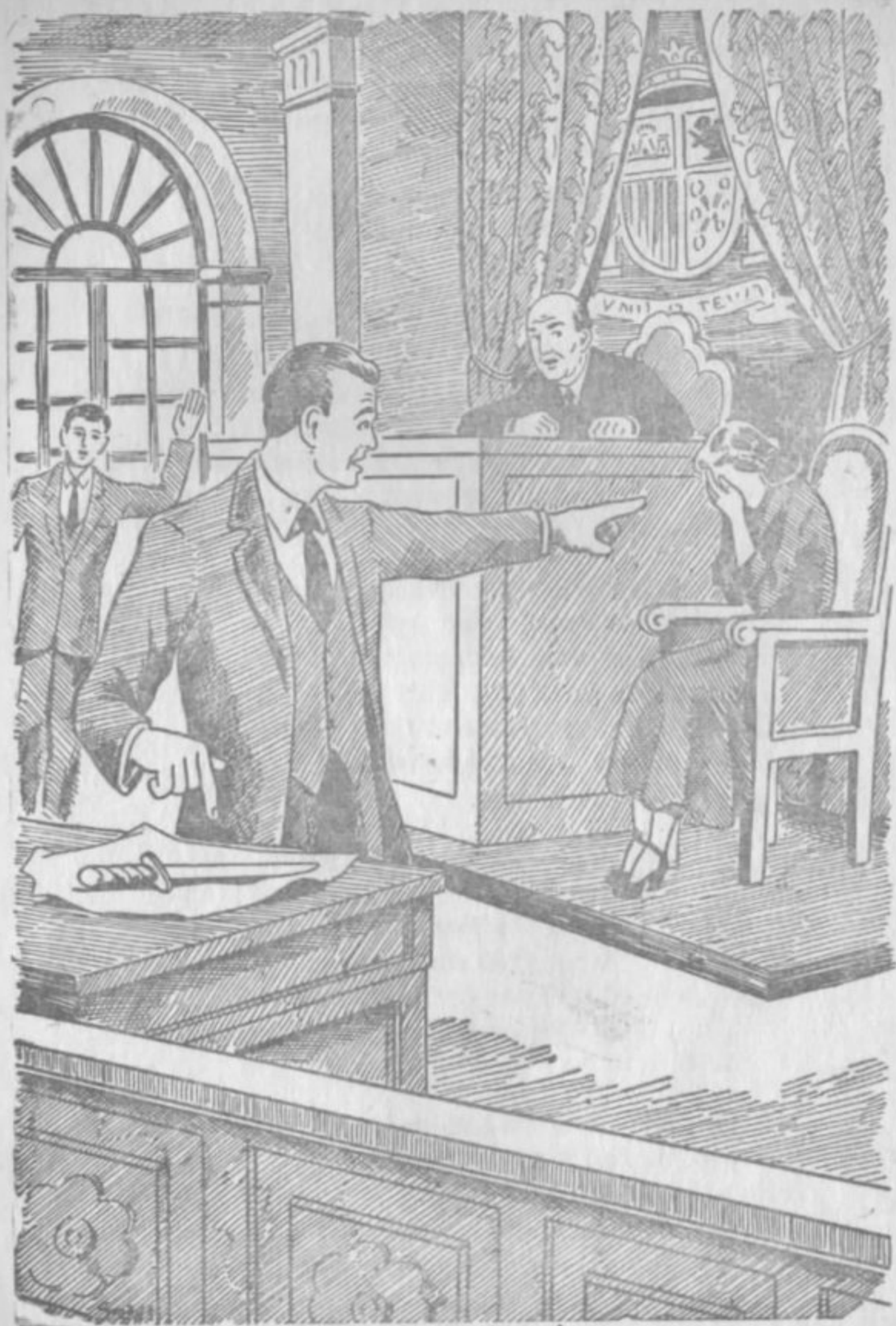
Chegando mais perto ví
Quando ela com rancor
Puxou do peito do pai
Este punhal vingador
Ainda ouvi quando o velho
Deu um gemido de dor.

Assim prendí em flagrante
Esta tão linda deidade
Que matou o próprio pai
Com tanta perversidade
E juro perante a Deus
Como o que disse é verdade.

Maria disse: Eu não sei
Quem me fez a traição
Porque ao sair na sala
Fui vendo meu pai no chão
Já morto com o punhal
Cravado no coração.

Corri prá salvar meu pai
Mas não saí-me feliz
Pois quando tornei estava
Numa prisão infeliz
Hoje estou sendo julgada
Por um crime que não fiz.

Terminou banhada em pranto
Em ponto de sufocar-se
O juiz tocou na campainha
E mandou ela sentar-se
Tornou tocar e mandou
O promotor levantar-se.



O promotor disse alto:
— A filha que mata o pai
Morrendo está condenada
Para o céu ela não vai
Quem pratica um crime deste
Dentro do inferno cai.

Na terra como no céu
Não pode ser perdoada
Peço aos senhores jurados
Olhem prá esta malvada
Votem contra esta assassina
Prá ela ser condenada.

Pois quem mata o próprio pai
Tendo tempo mata cem
E' pior que uma féra
Pelo instinto que tem
O juiz Julio Siqueira
De lá gritou: Muito bem!

Esta é pior do que judas
Na traição e na maldade
Tem dentro do coração
O punhal da falsidade
E' capaz de assassinar
Todos os homens da cidade.

A mulher é sempre assim
Bruta, malvada e cruel
Se existiu eu não sei
Uma que fosse fiel
Todas têm no coração
U'a taça cheia de fel.

Portanto, esta assassina
Possui um genio brutal
Cravou no peito do pai
Com este horrendo punhal
Que está sôbre esta mesa
Dando uma prova legal.

Não acredito que haja
Quem defenda esta malvada
Que assassinou o pai
Oh! filha amaldiçoada
Hás de pagar o teu crime
Em uma praça enforcada.

O juiz tocou na campã
E deu a palavra a João
O moço então levantou-se
Cheio de disposição
Para defender a noiva
Da força e da detenção.

Disse: Senhores jurados
Esta filha é inocente
Este crime é um mistério
Que envolve muita gente
E talvez o assassino
Seja outro aqui presente.

Pois talvez o tal bandido
Tenha ido preparado
Para praticar o crime
Há dias premeditado
Para eliminar a vida
De um homem tão honrado.

E depois de ter cravado
A arma da traição
Tenha corrido deixando
O velho morto no chão
E com o punhal cravado
“Em cima do coração”.

Talvez a filha inocente
Do quarto tenha ouvido
Alguma zuada ou baque
Ou mesmo algum gemido
E tenha vindo ligeira
Prá ver o que tinha sido.

Se foi vendo o pai caído
Deu um grito lancinante
E vendo o punhal cravado
Talvez pensasse um instante
Que o seu querido pai
Estivesse agonisante.

Talvez pensando salvá-lo
Arrancar o punhal vai
O soldado ia passando
E ver quando o punhal sai
Predeu-a ali em flagrante
Como assassina do pai.

Portanto, peço aos jurados
Que tenham benevolência
Façam a justiça num
Exame de consciência
Para saberem a verdade
Peçam força a Providência.

Calou-se o advogado
Foi haver a votação
Deram doze votos contra
Ia haver condenação
O advogado apelou
Prá côrte de apelação.

Então no segundo juri
O protetor de Maria
(O velho Pedro Raimundo)
Mandou uma carta um dia
Ao seu filho Edmundo
Descrevendo a tirania.

Pediú ao filho na carta
Que não perdesse a sessão
Para falar por Maria
Dando bôa informação
Para ver se assim salvava
Ela da condenação.

Então no dia do juri
Depois de aberta a sessão
O promotor acusou-a
Perante a luz da razão
A ré tremia chorando
Ouvindo a acusação

O velho Pedro Raimundo
A Maria consolava
Com palavras de conforto
Enquanto ao filho esperava
Para defender a jovem
Mas o rapaz não chegava.

João, o noivo de Maria
Advogado possante
Subiu a tribuna e fez
Uma defesa brilhante
Porém, para os jurados
Não houve um atenuante.

Quando os jurados votaram
Foi uma hora minguada
Deram todos votos contra
A jovem foi condenada
E a sentença de morte
Por todos foi assinada.

Quando João teve a certeza
Daquela condenação
Vendo a sentença assinada
Perdeu de tudo a razão
E dentro daquela casa
Deu a maior explosão.

Enlouqueceu de uma vêz
Contra as leis de seu país
Virou mesa, quebrou banca
Fez um estrago infeliz
Inda quebrou um tinteiro
Na cabeça do juiz.

Ninguém não dizia nada
Ele as cadeiras quebrava
Como um alucinado
A própria roupa rasgava
E depois dando rizadas
Os cabelos arrancava.

Assim êle saiu louco
Deixando tudo quebrado
O juiz na sua mesa
Tremendo e todo melado
Naquele mesmo momento
Edmundo foi chegado.

Vendo aquela trapalhada
Ficou olhando de pé
Disse: O navio atrasou
Pela falta de maré
Porém eu quero falar
Para defender a ré.

Mas o juiz respondeu:
— A sentença já foi dada
Por mim e pelos demais
Ela já foi assinada
Agora só resta a jovem
E' morrer dependurada.

O moço viu um punhal
Numa banca pequenina
Pegou e foi perguntando:
— E' esta a arma assassina?
Com que foi assassinado
O doutor pai da menina?

Ouvindo a afirmativa
Disse: Esta arma é cruel
Foi feita por minhas mãos
Na rua Santa Izabel
O juiz ouvindo isto
Ficou da côr dum papel.

O moço continuou:
— Está arma é traiçoeira
Eu fiz este punhal para
O juiz Julio Siqueira
No tempo qu'êlé morava
Na rua da Cachoeira.

Como pediu-me segrêdo
Nunca a ninguem quiz dizer
Mas hoje fui obrigado
Esta defesa fazer
Quando o juiz ouvindo
Levantou-se prá correr.

Porém faltou-lhe a coragem
Caiu como quem se rende
Disse: Agora acreditei
Que de Deus tudo depende
E que da sua justiça
Nenhum homem se defende.

Alí o juiz foi preso
Por sua bôca acusou-se
Mas como milionário
Na cadeia conformou-se
Até que entrou em juri
Gastou dinheiro e soltou-se.

Vamos falar sôbre João
Depois que louco ficou
Aonde êle foi morar
Como depois se vingou
O juiz foi castigado
Como a lei de Deus traçou.

Também falar em Maria
Que foi logo perdoada
Ao descobrir-se o crime
Ela foi cumprimentada
E prá casa do visinho
Saiu bem acompanhada.

Porém na casa do velho
Não tinha consolação
Chorava de dia a noite
Não queria refeição
O velho já via a hora
Ela perder a razão.

Então só falava em João
Pensando aonde ir achá-lo
O velho então sugueitou-se
Ir com ela procurá-lo
Seguiram os dois pelo mundo
Até um dia encontrá-lo.

Aqui eu deixo Maria
Em procura do querido
Com o senhor Pedro Raimundo
Seu protetor destimido
Para falar do juiz
O assassino bandido.

O juiz Julio Siqueira
Em uma aldeia afastada
Possuia uma fazenda
Muito bem aparelhada
Aonde tinha uma cruz
Pelo povo festejada.

Na aldeia, ao pé da cruz
Um dia chegou ali
Um louco que só dizia:
— Maria dorme é aqui
Pode dormir sossegada
Dorme qu'eu velo por ti.

Depois procurava flores
Assim a cruz enfeitava
Acendia algumas velas
Porque o povo deixava
De promessas que fazia
Até fósforo ali ficava.

Também ficava de joelhos
Como a fazer oração
Depois levantava os olhos
Fazendo uma exclamação
Que quem passasse por perto
Tinha a maior compaixão.

Depois desta cerimônia
Se calava e se benzia
Deitava-se ao pé da cruz
Dizendo: Dorme Maria
Dorme qu'eu velo por ti
Toda hora e todo dia.

Todo mundo que passava
Ali perto êle dizia:
— Foge daqui assassino!
Tú que mataste Maria
Assim o povo assombrado
Com medo dele corria.



Porém trazendo comida
Ele vendo se acalmava
O povo com pena dele
Quando por alí passava
Trazia comida e água
E perto dele botava.

Ele muito satisfeito
Logo apanhava e comia
Até conhecia alguém
Que passando êle pedia
Assim sucessivamente
Ao pé da cruz vivia.

Porém parecia um monstro
Aquela figura feia
Ao pé daquela cruz
Só dormia na areia
Foi conhecido por todos
Pelo "Louco da Aldeia".

O leitor deve lembrar-se
De João ter enlouquecido
E acreditava que
Maria tinha morrido
Assim, ao pé da cruz
Por ela dava gemido.

Já está esclarecido
Que este louco é João
Agora vamos adiante
Mudando de oração
Para ver como o juiz
Pagou a sua traição.

O juiz depois de solto
Foi ver a propriedade
Quando chegou na Aldeia
Foi percorrê-la à vontade
Passando perto da cruz
Avistou a novidade.

Perguntou ao empregado:
— O que é aquilo ali?
Disse o rapaz: E' um louco
Que só vive para si
E passa o dia dizendo:
— Maria dorme é aqui.

O juiz aproximou-se
Com a chibata na mão
Dou-lhe uma chibatada
O louco como um trovão
Deu um grito tão horrível
Que estremeceu o chão.

Dizendo: Foge assassino!
Inda vens me atormentar?
Pela justiça de Deus
O teu crime hás de pagar
O juiz saiu sorrindo
Deixou o louco a gritar.

Aqui eu deixo o juiz
Sorridente e bem esperto
Correndo a propriedade
Sosinho pelo deserto
Para falar de Maria
Que vinha chegando perto.

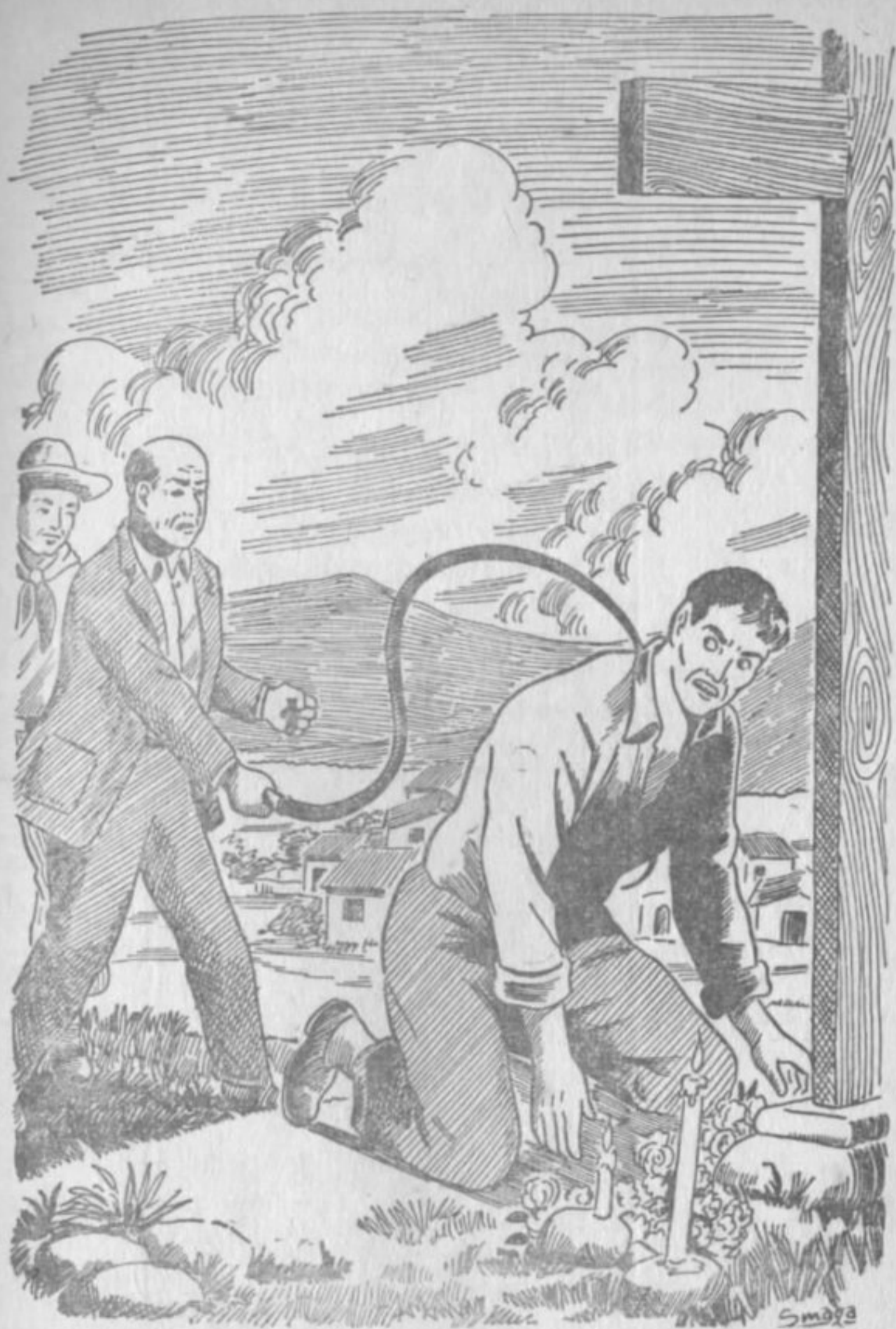
Maria e Pedro Raimundo
O seu visinho estimado
Andavam a procurar João
Percorreram todo estado
Foram sair na Aldeia
Naquele dia marcado.

O velho ficou sentado
Numa sombra sôbre o chão
Maria entrou no bosque
Foi à procura de João
Encontrou com o juiz
No meio da solidão.

O juiz qu'e muito tempo
Simpatisava Maria
Disse: Quem espera alcança
Até que chega o seu dia
"O bocado é prá quem gosa"
Assim meu pai me dizia.

Partiu e pegou a jovem
No intuito de forçá-la
Porém Maria na luta
Tomou dele uma bengala
E deu-lhe uma cacetada
Que êle caiu sem fala.

Mas ela com o cansaço
Também caiu desmaiada
E depois os dois tornaram
Nova luta foi travada
Porque o juiz pensava
Sair feliz na caçada.



Smdga

A moça gritava tanto
Que a guela enrouquecia
Porém o velho Raimundo
Muito longe não ouvia
Ainda o juiz pensava
Que ia vencer Maria.

Porém a justiça Eterna
Tem um decreto medido
Que “quem com o ferro fére
Com o mesmo ferro é ferido”
Assim quem pratica um crime
Ou cedo ou tarde é punido.

Portanto Deus quando tarda
Já vem perto no caminho
A cruz que vivia o louco
Ficava ali bem pertinho
Por certo êle estava ouvindo
Todo aquele borbórinho.

A pobre moça na luta
Muito cansada demais
O juiz para vencê-la
Botava as forças iguais
Naquilo surgiu um vulto
Parecendo o Satanaz.

Era o louco que tinha
Ouvido aquela zuada
Correu e foi logo vendo
Maria toda rasgada
Dando empurrão e levando
Com o juiz agarrada.

O louco partiu calado
Pegou o juiz por trás
E viu na cintura dele
Um punhal grande demais
Arrebatou-o na hora
Com uma força voraz.

Com o punhal tinha sido
Morto o sogro de João
Mas o louco levantou-o
Cravou o juiz no vão
Com uma força tão grande
Que quase se some a mão.

Assim cumpriu-se a justiça
Do Messias Prometido
Como está nas Escrituras
Foi o assassino punido
Com o ferro que feriu
Com o mesmo foi ferido.

Maria vendo o juiz
Tombar sem vida no chão
Correu com medo pensando
Sofrer a mesma lição
Sem saber qu'aquele monstro
Era o seu querido João.

E o louco saiu como
Quem não tinha feito nada
Deitou-se ao pé da cruz
Falando na sua amada
Dizendo: Dorme Maria
Pode dormir, sossegada.

Maria chegou correndo
Disse ao velho em seguida:
— Fui atacada no bosque
Pelo juiz homicida
Porém um monstro chegou
E defendeu minha vida.

Disse o velho: Vamos ver
O caso como se deu
Disse Maria: O juiz
Parece que já morreu
Pois caiu banhado em sangue
Depois o monstro correu.

Assim entraram no bosque
Adiante foram avistando
O louco ao pé da cruz
Deitado se lastimando
Vendo os nossos viajantes
Levantou-se praguejando.

Dizendo: Foge assassino!
Tú que mataste Maria
Maria morreu e dorme
Aqui nesta lage fria
Porém eu estou com ela
Velo de noite e de dia.

Pela fala mais ou menos
Maria o reconheceu
E respondeu com carinho:
— Maria nunca morreu
Já foi condenada a morte
Porém Deus a defendeu.



Smaga

Olha em mim que verás
Tua Maria querida
Que pela justiça Eterna
Na terra foi protegida
E te procura prá dar-te
O maior prazer da vida.

Repara a minha feição
E os lábios que beijaste
Afaga com teus carinhos
As mãos que tanto afagaste
Abraça a tua Maria
Como já tanto abraçaste.

Recorda-te quando eu
Era prá ti uma flor
Sentias o meu perfume
Eu sentia o teu olor
Vivíamos flutuando
Sob as ondas do amor.

O louco fitou na jovem
Um olhar de sofrimento
Nessa hora a Providência
Clariou-lhe o pensamento
Que foi chegando a lembrança
E fugindo o esquecimento.

Ali João reconheceu
Maria seu bem amado
Também foi reconhecido
E por Maria abraçado
Mas ainda meio louco
Se conservava calado.

Seguiram para a cidade
O velho, Maria e João
Chegando se apresentaram
A justiça da nação
João foi ouvido e depois
Lhe deram absolvição.

Inda quase louco foi
Em um hospício internado
Com um mês depois saiu
Completamente curado
Realisou-se o enlace
A muito tempo esperado.

E o juiz assassino
Morreu no campo sem luz
Seu corpo foi encontrado
Coberto de urubús
Sendo amortalhado foi
Enterrado ao pé da cruz.

A verdade é quem triunfa
Louvando a luz do Senhor
Maria alcançou vitória
Encontrando o seu amor
Inda casou-se com João
Deu ao mundo uma lição
Assim quiz o Criador.



**JÁ SE ENCONTRA À VENDA O EXCELENTE
LIVRO DE ARTE CULINÁRIA**

QUITUTES DE DONA JULIA

em cujas páginas os leitores encontrarão as mais variadas, econômicas e deliciosas receitas de doces, salgados e sorvetes, tôdas já experimentadas por hábeis e inteligentes donas de casa, que pacientemente colaboraram conosco na confecção da maioria dessas receitas, tendo por escopo primordial apresentar saborosíssimos quitutes, deliciosos doces e sorvetes à base de estrita economia, sem prejudicar seus ingredientes, beleza e ornamento.

Adquira seu exemplar e ofereça também à sua amiga, pois que, é um livro digno de ser presenteado à mais exigente dona de casa.



Peça a seu vendedor ou remeta CR\$ 25,00 em VALE POSTAL, enviando seu nome, endereço, cidade e estado, com bastante clareza, para

A. A. LOPES & SOUZA

GRÁFICA EDITORA PRELÚDIO

Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo

7209

EDIÇÕES PRELÚDIO

HISTÓRIAS POPULARES

Festa da Bicharada Sansão e Dalila João Brandão Chico Mineiro Lampeão, o Rei do Cangaço O Crime de Maringá Vingança do Destino O Estouro da Boiada Peleja do Paulista com o Mineiro Alma Penada Vicente, o Rei dos Ladrões O Jogador na Igreja Floribela de Almeida e José Sebastião Peleja de João de Deus com O Diabo Negro A Sogra Maldita O Pavão Vitorioso História do Conde Pierre e a Princesa Magalona	O Sacrifício do Amor ou O Noivo Ressus- citado O Príncipe Enterrado Vivo e a Rainha Justiceira O Louco da Aldeia Josafá e Marieta ABC da Macumba e As Proezas de um Pai de Santo Nosso Brasil Rimado e O Brasil em Versos ABC dos Namorados, ABC do Amor, ABC do Beijo e ABC da Dança A Chegada de Lam- peão no Céu A Vitória de Floriano e a Negra Feiticeira A Princesa Rosinha na Cova dos Ladrões História de Helena, a Heroína do Amor A Noiva do Diabo	Branca de Neve no País dos Gigantes História da Donzela Teodora Aventuras dos Noivos do Outro Mundo Zé Bico Doce Os Dois Valentões do Norte ABC do Apaixonado, ABC dos Noivos, ABC dos Casados e ABC dos Viuvos Vida e Tragédia do Pres. Getulio Vargas (em versos) Tragédia do Presidente Getulio Vargas (em prosa) Os Grandes Milagres do Padre Donizetti A Última Bênção História Fotográfica dos Milagres de Tambaú
--	---	---

ROMANCES POPULARES

Alonso e Marina Romeu e Julieta Elzira, A Morta Vir- gem O Papagaio Misterioso Carlos e Iracema	O Trágico Amor de Jaci e Alvaro Ali-Babá e os Quaren- ta Ladrões Carlos Magno e os Do- ze Pares de França	A Vida Criminosa de Antonio Silvino Dioguinho, o Terrível Bandoleiro Roberto do Diabo O Amor em face do Destino
--	--	---

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Quebra-Cabeças Anedotas e Piadas (Ilustradas) Receitas para Cosinhar Receitas para Doces Mensageiro do Amor (Cartas) Guia dos Namorados	Novo Livro de São Ci- priano Significado dos Sonhos Truques, Mágicas e Passatempos N. S. Aparecida N. S. de Fátima Santa Isabel N. S. do Sagrado Co- ração	Cartas de Amôr (Se- leções) Secretário do Amôr Quitutes de Dona Jú- lia História e Sucessos de Tonico e Tinoco Alma da Terra (Poe- mas Sertanejos)
--	---	--

PRELÚDIO (Revista em quadrinhos)

CABOCLA TEREZA (História completa)

PEDIDOS: **A. A. LOPES & SOUZA**

GRÁFICA EDITORA PRELÚDIO

Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo